

Quintas Jornadas de Historia Económica - Asociación Uruguaya de Historia Económica (AUDHE)

Simposio 3. “Guerra y sociedad. Las formas de hacer la guerra durante los movimientos de independencia iberoamericanos y sus implicancias económicas y sociales”.

Os “dóceis” de Corrientes. As guerras de independência no litoral rioplatense e a política popular (1810-1820).

Rachel Lambrecht
rlambre@emory.edu

Este trabalho tem como objetivo contar a história da região de Corrientes, atualmente uma província do território argentino, e sua colaboração nas guerras de independência que permearam a região do litoral rioplatense na segunda década do século XIX. Tentativamente, serão tecidas considerações a respeito da participação política dos grupos considerados subalternos na escala social de então. Na Corrientes pós-colonial, esses grupos eram representados por *criollos* pobres, ex-escravos ou negros livres, e especialmente os grupos indígenas anteriormente concentrados nas missões jesuítas, em sua maioria guaranis. Logo após a revolução de Maio e também durante a dominação artiguista na região, iniciada oficialmente em 1814, estes grupos estiveram profundamente envolvidos nas movimentações dentro da região. A comunicação visa trazer algumas análises iniciais de sua participação durante o período, resultado do trabalho de pesquisa levado a campo no último ano, não tendo portanto a intenção de apresentar conclusões finais sobre a participação desses grupos nas lutas de independência, mas sim algumas de suas contribuições para o desenrolar dos debates.

Devido aos intensos movimentos territoriais e de fronteira do período, definir os limites abarcados por este estudo coloca-se como um desafio. Além da própria flutuação de fronteiras dada por acordos ocorrendo a todo momento, devido ao avanço de forças ao norte (Paraguai) ou a leste, ou da criação de novas entidades administrativas, como a província de Corrientes em si no ano de 1814, a circulação de tropas por áreas além daquelas da província termina por implicar partes de territórios vizinhos no estudo, e torna a tarefa de aprofundar-se em uma única província bastante árdua. Para tornar o trabalho possível, decidiu-se então utilizar-se os limites contidos quando da conformação da província em 1814, não deixando, entretanto, de trabalhar-se com territórios adjacentes recebendo tropas correntinas e que contribuíram para a história da região. É interessante ressaltar que a questão de definição de fronteiras, apesar de gerar inconsistências, deve ser entendida justamente como um elemento para mostrar-nos que as demarcações de limites modernas devem ser revistas quando são objetos de estudo da história, devido às constantes mudanças sofridas pelas mesmas, o que nos faz também questionar a significância dos limites legais estabelecidos para as populações que de fato viviam na região. Portanto, o reconhecimento dessa volatilidade das fronteiras da região serve para ilustrar a necessidade de tratar o estudo do território do Prata como um fenômeno regional e com uma definição territorial bastante ampla.

A província de Corrientes teve marcada participação nas lutas de independência levadas a cabo na região do litoral. A cidade de San Juan de Vera, que viria a ser capital da província, foi fundada no final do século XVI, com o objetivo de servir de parada entre as cidades de Buenos Aires e Asunción. A existência de um porto natural concedido pelo Rio Paraná fez com que a mesma prosperasse dentro da rota comercial da região. Com o avançar da colonização, novas cidades foram fundadas, especialmente nas zonas próximas ao rio Paraná, como os povoados de Goya e Esquina. A região que conforma o território é cortada por vários rios e lagos, entre eles o Rio Corrientes e os lagos do Iberá, área de vasta concentração aquífera que dificultava a circulação de pessoas e bens. Por essa razão, o território correntino pode ser considerado na época como dividido sócio-economicamente entre duas regiões, partindo do Rio Corrientes: a oeste a região de colonização mais antiga, e a leste a área de colonização mais recente, propícia à pecuária no sul e com as missões jesuíticas de terreno extremamente fértil a leste. Essa última área é a que vai ser palco de violentos conflitos e disputas territoriais durante as décadas iniciais do século XIX. Curuzu-Cuatiá, fundada em 1810 por Manuel Belgrano, assumiu o papel de centro político deste lado do rio. Apesar da diferença de colonização encontrada nas duas regiões, ambas sofreram expressivamente os danos causados pelas guerras de independência, especialmente no que se refere a um enfraquecimento no crescimento da população, destruição de *pueblos* existentes inteiros, e uma desaceleração da produção e de um desenvolvimento de base comercial.¹

A população de Corrientes: sua composição demográfica

Antes de começar o estudo da história de Corrientes entre os anos de 1810 e 1820, é interessante observar sua composição demográfica, a fim de poder entender um pouco melhor a realidade da população local. Para tanto, dois censos realizados durante o período foram analisados: o primeiro de 1814 e o segundo de 1820. O censo de 1814 é produzido quando do início da dominação artiguista, muito provavelmente como consequência da necessidade de conhecer-se a capacidade da província em prover recursos e financiar a guerra que estava ocorrendo. Em meio a um contexto tão conflituoso, os dados obtidos, ainda que incompletos, nos fornecem uma representação das características demográficas da região: neste ano, a cidade de Corrientes conta com um número estimado de 4.771 pessoas, enquanto que a província como um todo perfaz 20.961 habitantes.² Desse total provincial, mais de 70% dos residentes são considerados brancos, enquanto que os “naturales” totalizam um pouco mais de 17%. mestiços e negros não chegam a alcançar 1%, mas os grupos miscigenados entre negros, brancos e índios, as chamadas castas, chegam a compor 11.13% da população. Devido à situação de intenso conflito que impossibilitava a concretização do censo em certos lugares, os números representam uma jurisdição limitada em relação ao atual território correntino. Foi contabilizada a população da margem do Paraná e do centro da província, mas dados sobre a população localizada mais a leste, perto do rio Uruguai, do rio Miriñay e da

¹ BUCHBINDER, Pablo (2004). *Caudillos de pluma y hombres de acción. Estado y Política en Corrientes en tiempos de la organización nacional*. Buenos Aires, Prometeo, p. 22

² MAEDER, Ernesto J. A. (1963). “Demografía y potencial humano de Corrientes, el censo provincial de 1814,” en *Nordésde, Resistencia*, n. 5, Facultad de Humanidades, Universidad Nacional del Nordeste, pp. 146-147.

margem do Iberá até Missões, não estão disponíveis, o que ofusca um pouco a compreensão da realidade correntina especialmente no que diz respeito à sua composição étnica, já que essa área é a compreendida pelas populações guaranis dos *pueblos* de Santo Tomé, La Cruz e Yapeyú. Essa omissão significa, portanto, que uma quantidade considerável de população de “naturales” não está incluída na percentagem. Para o ano de 1820, quando Francisco Ramírez incorpora o território correntino à República de Entre Ríos, um novo censo foi realizado, indicando um crescimento dos números para a província, que alcança 36.697 habitantes. Os números da capital, no entanto, não apresentam crescimento relevante, e contabilizam 5.308 pessoas, o que pode indicar, portanto, uma melhora na coleta de dados da campanha, e não necessariamente um crescimento significativo da província como um todo. Apesar disso, a composição étnica não apresenta grande variação, com 76% dos habitantes sendo considerados brancos, 11,5% naturales e 9,4% castas.³

Corrientes e a revolução de Maio

Assim que as primeiras manifestações da Revolução de Maio ocorreram, a nova junta enviou ao Cabildo de Corrientes solicitação de reconhecimento e o pedido de nomeação de um deputado que deveria comparecer a um congresso geral visando definir a forma de governo a ser adotada. O primeiro elemento, o reconhecimento da junta, foi concedido assim que o cabildo tomou conhecimento da carta enviada por Buenos Aires, em 16 de junho de 1810. A convocatória e eleição para deputado teria lugar nos dias subsequentes, e no dia 22, José Simón García de Cossio foi eleito deputado pela cidade.⁴ Apesar da pronta adesão de Corrientes ao movimento de Buenos Aires, os dirigentes da capital sentiram a necessidade de reiterar sua influência na região, especialmente devido à sua proximidade com zonas de resistência ao movimento, como o Paraguai e Montevideo. Para tanto, decidiram ordenar a mudança do governador, retirando Pedro Fondevila, um espanhol europeu, do cargo, colocando em seu lugar Elias Galván, um correntino que já havia defendido o território quando das invasões inglesas da década anterior.

A preocupação de Buenos Aires não foi em vão, já que rapidamente o Paraguai decidiu atacar o território de Corrientes, uma vez que, por ordem da capital, embarcações com mercadorias paraguaias estavam sendo retidas no porto correntino. Logo após o ataque, suprimido com sucesso por Galván, a região entendeu a necessidade de organizar forças permanentes de resistência. Para tanto, foram formadas três companhias de infantaria e uma de artilharia, estabelecido um campo de treinamento, além de convocados veteranos e milicianos da região. Com o acirramento das disputas entre os núcleos reacionários à revolução, e a localização central de Corrientes dentro da zona de conflitos, esta se viu obrigada a participar plenamente dos combates, colaborando primeiramente com as tropas de Manuel Belgrano, nomeado general da expedição libertadora ao Paraguai, que foi organizada para tentar levar os ideais da revolução de

³ MAEDER, Ernesto J. A. (1969). “La estructura demografica y ocupacional de Corrientes y Entre Ríos, en 1820,” en Cuadernos de Historia, Corrientes, Serie I. N. 4, Archivo General de la Provincia y Registro Oficial. p. 21.

⁴ MANTILLA, Manuel Florencio (1972). *Cronica historica de la Provincia de Corrientes*. Reed. Corrientes, Banco de la Provincia de Corrientes, Tomo Primero, p. 159.

maio até esta intendência. De acordo com o clássico cronista correntino Manuel Florencio Mantilla, “ricos y pobres contribuyeron con dinero, ganados, caballos, vehículos, embarcaciones y cuanto era de provecho. Había entusiasmo.”⁵

Desde esse momento, nota-se a preocupação da capital em congregar a maior quantidade possível de reforços para a empreitada, e esforços no sentido de difundir a causa patriótica não só entre a elite, mas também entre as grupos considerados subalternos, e que geralmente eram deixados alheios às discussões da política local durante a época colonial. No caso de Corrientes, os alvos maiores dessas campanhas de mobilização foram os grupos indígenas da região, chamados “naturales” do território. Assim, Manuel Belgrano escreve ao governador Galván com o intuito de convencê-lo a “inspirar sentimientos patrióticos no solo a los que somos oriundos de españoles, sino con mucha particularidad a los Naturales del suelo americano, y para atraerlos y reunirlos a nosotros imponiéndoles amor al servicio de las armas.”⁶ Destacava-se também na carta a importância de contar com um capitão que pudesse comunicar-se satisfatoriamente com esses naturales, ou seja, que falasse sua língua, para que os mesmos tivessem total entendimento das artes da guerra e também da causa pela qual estavam lutando. Assim, Belgrano pede reforços diretamente dos *pueblos* de Garzas, Los Pasos del Rey e Itati, zonas exclusivamente de população indígena para poder formar suas tropas.

Galván mandou ao encontro de Belgrano um regimento de cavalaria e outro de infantaria, totalizando 320 homens.⁷ Ainda assim, percebe-se na documentação o general perpetrando reclamações constantes da pouca atenção dada por Corrientes à causa, apontando que muitos dos auxílios pedidos jamais alcançaram seu destino, e chega mesmo a criticar o pouco patriotismo existente nos “vecinos” da região, em uma carta a Ángel Fernández Blanco.⁸ Este descaso pode ser interpretado como um desinteresse dos próprios membros do Cabildo de Corrientes em ajudar na causa, como resultado da escassez de recursos, ou ainda devido à dificuldade em congregar reforços e apoio à capital. De fato, a ajuda da província não foi suficiente para o combate e as forças portenhas perderam a batalha contra os paraguaios, que invadiram Corrientes em abril de 1811. Muitos elementos da elite, espanhóis, decidiram lutar no lado paraguaio, evidenciando o intenso conflito de interesses ainda presente na região.

Em outubro de 1811, Belgrano finalmente chegou a um acordo com o Paraguai. Corrientes, entretanto, saiu prejudicada de tal tratado, pois perdeu território disputado com Asunción ao norte do rio Paraná. Mantilla aponta aí o começo de uma política da capital que só viria a prejudicar a região, acirrando os ânimos e levando muitos correntinos a posicionarem-se de maneira contrária à causa portenha, devido à falta de atenção de Buenos Aires para com a região. Uma carta de Galván comentando a necessidade de se organizar um regimento veterano de Infantaria indica o descaso com que Corrientes vinha sendo tratada tanto pela administração espanhola quanto pelas

⁵ MANTILLA, *op. cit.* p. 167.

⁶ “Manuel Belgrano a Elias Galván”, 2 de outubro de 1810. Archivo General de la Provincia de Corrientes, AGPC, (1910). *Recopilación de documentos históricos de la independencia Argentina bajo los auspicios el superior gobierno*. Corrientes, Artes Graficas A. Ingimbert. Acessado em UCLA Special collections. Ortografia atualizada a modo de facilitar a leitura.

⁷ MANTILLA, *op. cit.* p. 167.

⁸ “Manuel Belgrano a Angel Fernandez Blanco,” 5 de março de 1811. AGPC (1910), *Recopilación de documentos históricos de la independencia Argentina bajo los auspicios el superior gobierno*. Corrientes, Artes Graficas A. Ingimbert. Acessado em UCLA Special collections.

novas autoridades no poder, deixando-a em um estado “inerte”, já que “siempre se ha visto esta Ciudad la ninguna atención que le ha merecido en mas de 160 años de fundación a los antiguos mandatários por qualquier respeto que se mire.”⁹ As sementes iniciais para o confronto com a capital estavam, então, sendo lançadas nesse período.

Além da fronteira com o Paraguai, outro inimigo que causava preocupação tanto em Buenos Aires quanto em Corrientes eram os portugueses. As lutas pela região das missões datavam desde o início da dominação colonial na região, e com a nova ruptura entre a colônia e metrópole espanholas, o império português, pressentindo um enfraquecimento do controle territorial, viu uma nova oportunidade para atacar. A região do conflito se estendia desde o leste de Corrientes, incluindo Misiones, até a Banda Oriental. Esse amplo campo de batalha trouxe a presença de novos atores à região, entre os quais José Gervásio Artigas, que inicia seus primeiros contatos com Corrientes e seu governador Elias Galván nesse período, visando conseguir auxílios para defender o território de Yapeyú.

A figura de Artigas é essencial para entender o processo político ocorrido na região de Corrientes durante a segunda década do século XIX. Seu entendimento em relação a noções de autonomia e soberania vão permear as relações tanto com as elites e governadores da província quanto com as classes subalternas da região. Artigas nasceu em Montevideo em 1764, e além de ter recebido uma educação condizente com os melhores padrões da época, também desenvolveu uma forte relação com o campo e o meio rural, tendo inclusive vivido com o grupo indígena dos charruas durante sua adolescência e início da vida adulta. Há sugestões na literatura existente de que Artigas teria inclusive tomado parte em contrabando antes de juntar-se ao corpo de *blandengues* em 1797, depois de ser-lhe concedida anistia através da publicação de um indulto.¹⁰ Sua função primordial seria a de patrulhar a fronteira e conter os ataques do império português, circulando pelo territórios das missões, entre eles o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o que lhe deu um grau de conhecimento da região muito avançado. O oriental subiu rápido nas filas do exército, tendo participado da defesa contra as invasões inglesas de 1806 e 1807, ganhando respeito dentro da corporação.

Com a revolução de maio de 1810 e a imediata reação e transferência da sede do vice-reinado a Montevideo, Artigas, ainda nas tropas realistas, foi mandado para Entre Ríos, mas desertou do posto de Capitão de *Blandengues* em fevereiro de 1811 e aliou-se às forças de Buenos Aires. Ali assumiu o posto de tenente-coronel e derrotou os espanhóis na famosa Batalha de las Piedras, iniciando um sítio à nova capital criada pelos representantes da metrópole. Buenos Aires firmou um acordo com Francisco Javier de Elío, o novo vice-rei ali instalado, e pediu que Artigas levantasse o sítio. Descontente com a decisão da junta revolucionária, Artigas deixou a região, passando para o lado ocidental do rio Uruguai, convocando aos que não estavam de acordo com a decisão de Buenos Aires que o acompanhassem, dando origem ao famoso êxodo oriental, quando

⁹ “Expediente formado a iniciativa de Elias Galván para la organización de un Regimiento veterano de Infanteria en Corrientes.” Corrientes, 17 de janeiro - 3 de abril de 1812, Archivo Artigas (de agora em diante AA), tomo 8, p. 7.

¹⁰ CABRERA PÉREZ, Leonel (2001). “Cuando los ‘infelices’ eran perseguidos...”, en FREGA, Ana e ISLAS, Ariadna (coord.). *Nuevas miradas el torno al Artiguismo*. Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, pp. 237-246.

Blandengue é um lanceiro de cavalaria cuja missão era cuidar das fronteiras onde estavam os povos indígenas.

16.000 pessoas abandonaram suas casas e se instalaram próximas ao arroio Ayuí Grande, em Salto Chico, atual cidade de Concordia. Nesse momento começam os primeiros conflitos de Artigas com Buenos Aires e os primeiros contatos políticos com os povos do litoral. Desde as primeiras comunicações de Elías Galván com Artigas, já nomeado *jefe de los orientales*, é possível sentir uma insegurança do correntino com relação ao oriental. Entretanto, seu inicial endosso por parte de Buenos Aires o leva a aceitar sua figura de autoridade e a incorporar as forças de Corrientes na luta pela defesa da fronteira com o rio Uruguai. Graças à ajuda correntina, a invasão portuguesa a Yapeyú pode ser controlada nesse momento.

Com o desenrolar dos ataques portugueses e espanhóis e os acordos feitos por Buenos Aires, além de sua política de controle portuário extremamente carregada, a figura de Artigas, representante de uma perspectiva federal e de autonomia provincial, começou a ganhar apreciadores na região. A situação na região era de caos e abandono, mas ainda assim, os governadores designados por Buenos Aires continuavam retirando tropas de Corrientes para lutar pela capital, deixando a região desamparada no caso de um ataque. A interferência excessiva de Buenos Aires na política local também começou a desagradar os líderes do litoral. No início de 1814, o cabildo de Corrientes se reuniu para decidir quem seria seu novo *alcalde* de primeiro voto. O coronel José de Silva, que havia recém retornado de lutar ao lado de Artigas, foi eleito, e seu nome enviado a Buenos Aires para ratificação. A capital, temendo que Silva se convertesse em um defensor dos planos de Artigas na região, decidiu vetar seu nome e sugerir Ángel Fernández Blanco em seu lugar, já que este era tido como mais confiável por seu trabalho já comprovado de favorecimento às tropas portenhas em detrimento à defesa de Corrientes.¹¹ A política local correntina começa então nesse momento a polarizar-se entre aqueles favoráveis às práticas de Buenos Aires, com especial representante em Fernández Blanco, e os defensores de uma política de autonomia regional que viam nas ideias de Artigas uma alternativa ao centralismo portenho. José Cayetano Martínez era seu principal representante.

As disputas se acirraram e em março de 1814, o tenente-governador José León Domínguez, representante das políticas portenhas, é retirado do poder provincial, assumindo em seu lugar Juan Bautista Méndez. De acordo com o relato de Domínguez, a ocupação começou às 11 da noite de 10 de março, quando alguns dos apoiadores de Artigas, “facciosos”, tendo ganho o apoio de Méndez, começaram um grito de insurreição e dirigiram-se à porta de Domínguez com um canhão carregado, amparados pela artilharia e infantaria, apoderando-se de suas armas. Em seguida foram à casa de Ángel Fernández Blanco para confiscar as armas e munições pertencentes à sua companhia. A última resistência veio do oficial Ramón López, que, prevenido, abriu fogo contra os insurgentes, matando um e ferindo outro. Para sobreviver, Domínguez teve que fugir na companhia de seu ajudante Ambrosio Reina.¹² Em seu relato, Domínguez deixa claro crer que, não fosse pelo uso da força, nunca se haveria permitido ao povo de Corrientes a exposição às ideias de Artigas. No entanto, uma vez difundidas estas, sua ascensão era “muito compreensível”.¹³ Com a fuga de Domínguez, Méndez é empossado em 11 de março de 1814, convocando um congresso constituinte instalado em 9 de junho

¹¹ DOMINGUEZ, Wenceslao Néstor (1973). *El Artiguismo en Corrientes*. Buenos Aires, La Gráfica, p. 44.

¹² MANTILLA, *op. cit.* p. 187.

¹³ *Ibid.*, p. 187

mas dissolvido em setembro. É nesse período que Corrientes e Entre Ríos são finalmente transformadas em províncias.

O Artiguismo em Corrientes

A dominação artiguista em Corrientes esteve longe de ser um fenômeno constante e sólido. Desde que Méndez assumiu o cargo de tenente-governador, registraram-se várias tentativas de mudança de poder e complôs. Uma figura controversa do período é a de Genaro Perugorría, braço direito de Artigas em Corrientes durante o ano de 1814. Entretanto, seu papel como promotor das ideias artiguistas é questionado dentro da historiografia. Apesar de ser o representante legítimo de Artigas, o fato de ter servido com Hilárion de la Quintana no Arroyo de la China é visto por historiadores clássicos como Mantilla como uma indicação de que na verdade Perugorría teria sempre atuado como espião do poder portenho na região.¹⁴ Logo que chega, Perugorría convoca o Primeiro Congresso Correntino, mas muda de lado e passa a atender às ordens do Director Gervasio Posadas, dissolvendo o congresso em 20 de setembro de 1814. Perugorría depõe Méndez, depositando no cabildo e em Fernández Blanco o mando político, ficando como chefe de armas. É quando parte para o interior para dominar Curuzú Cuatiá, mas é derrotado por Blas Basualdo, um “bárbaro, índio de raza pura” aliado de Artigas, que o envia para Purificación, onde é executado.¹⁵ Em 6 de janeiro, José de Silva é nomeado o novo governador, com faculdade de justiça, política, guerra e fazenda, restabelecendo o mando artiguista na província.

Em setembro de 1815 um novo motim ocorre, comandado desta vez por Miguel Escobar, mas José Gabriel Casco, liderando as forças de Curuzú-Cuatiá, consegue reinstalar Silva. Em 1816, Méndez é escolhido novamente como governador de Corrientes, desta vez através de um congresso de delegados das comandâncias da campanha. Novos conflitos ocorrerão durante a década, como o que leva Andrés Guaçurary, ou Andresito, um guarani de Misiones, comandante e filho adotivo de Artigas, a invadir a capital. Esse episódio tornou-se representativo das oscilações políticas e sociais do período, e será tratado de maneira mais completa no decorrer do trabalho. De todos esses conflitos, é importante ressaltar, entretanto, que o alto grau de volatilidade presente nos poderes locais e regionais, assim como as constantes mudanças de alianças, terminavam por gerar um caos tanto na cidade quanto na campanha, aterrorizando as populações locais.

Os correntinos durante a dominação artiguista

Devido ao momento de intensas batalhas, muitos relatos dão conta da complexa situação da região e constante violência e desorganização perpetrada pelos diferentes exércitos ali lutando. A propaganda contrária a Artigas relatava as terríveis condições em que seus comandados deixavam as regiões por onde passavam, saqueando e roubando para poder subsistir, ou pilhando as tropas vencidas. Relatos do período divergem com relação ao momento em que essa violência desenfreada começou, e quem ordenava ou endossava ditos ataques. José Ignacio Aguirre, comandante de São Roque, relata que a

¹⁴ MANTILLA, *op. cit.* p. 167

¹⁵ *Ibid.*, p. 201.

campanha estava infestada de “perversos desertores e invasores cuyo pasto común es el homicidio, el robo, el rapto y otros crímenes.”¹⁶ Apesar de Aguirre sugerir que estes ladrões tinham a proteção de Artigas, ele indica o início do caos no ano de 1812, portanto anterior à dominação artiguista na região.

Segundo William Parish Robertson, comerciante britânico que viveu em Corrientes com seu irmão John durante os anos de dominação artiguista, a província já estava em estado deplorável antes da chegada de Artigas. Para Robertson, Elias Galván seria o responsável por esta situação por ter abandonado o território, deixando-o em mãos de incompetentes quando foi para Buenos Aires seguir a Alvear.¹⁷ Robertson chega até mesmo a apresentar uma boa impressão de Méndez, que o recebeu de maneira amável quando de sua estadia na cidade. O inglês descreve o governador como um dos homens mais respeitáveis de Artigas.¹⁸ Seu guia de viagem, no entanto, não estava tão certo das qualidades dos homens artiguistas, ou artigueños, como ele os chama em seu diário. Jerônimo relata os horrores cometidos por esses e expressa claramente seu medo caso viesse a encontrá-los, o que de fato ocorre quando estão a ponto de atravessar o rio Paraná. Para a surpresa de W. P. Robertson, e apesar do pavor apresentado pelo guia, o encontro com os representantes de Artigas transcorre de maneira bastante serena.

Robertson relata como se vestiam e se portavam os oficiais artiguistas, destacando seu aspecto rústico:

“Estos dos artigueños eran realmente salvajes y de fiera apariencia. Sus barbas eran negras y espesas; sus cabellos colgaban densos y apelmazados, debajo de viejas gorras; y sus ojos pequeños y negros miraban ceñudos, sombreados por cejas muy pobladas. Sus chaquetillas azules, con vivos punzones, usadísimas; sus camisas (que al parecer nunca habían sido lavadas) con los cuellos desprendidos, dejaban ver el pescuezo áspero y bronceado. Chaleco chillón, chiripá, calzoncillos anchos y botas de potro de que salían los dedos desnudos, completaban su indumentaria. Cada uno llevaba carabina en la mano y un largo cuchillo, envainado, en el cinto; mientras el sable colgaba al costado zangoloteando y haciendo ruido.”¹⁹

Apesar de sua aparência um pouco bárbara para os padrões da época, ao contrário de ficar assustado com sua presença, Robertson resolve ser amistoso com os oficiais e propor que estes o levem ao outro lado do rio. Os “artigueños” verificam a identidade dos mesmos e suas credenciais, a partir de um passaporte emitido pelo governador Méndez. Nesse momento fica evidente que os mesmos são iletrados, pois o próprio Robertson é o responsável por fazer a leitura da documentação. Seu guia, aterrorizado, chega a propor que os dois empreendam fuga. No final, os aliados de Artigas os levam ao outro lado do rio com sucesso, e o encontro termina bem. Robertson chega até mesmo a especular que os artiguistas não tiveram, em momento nenhum, qualquer intenção de fazer-lhes mal.²⁰

¹⁶ MANTILLA, *op. cit.* p. 181.

¹⁷ “Corrientes vista por John y William Parish Robertson (1812-1814)” (1989), en Cuadernos de Historia. Textos y documentos para la historia de Corrientes. Corrientes, n. 10, Amerindia Ediciones Correntinas, p. 30.

¹⁸ *Ibid.* p. 15.

¹⁹ *Ibid.* p. 18-19.

²⁰ *Ibid.*, p. 20.

Ainda que um pouco anedótico, esse encontro entre os tão temidos aliados de Artigas e o inglês Robertson sugere muito possivelmente que a ferocidade regularmente atribuída aos comandados do caudilho oriental fosse produto da propaganda da época, que visava enfatizar o caráter anárquico de todos aqueles que não apoiavam a política portenha, e talvez não se aproximasse tanto da verdade.

John Parish Robertson, seu irmão, tinha um entendimento mais desfavorável em relação à situação de Corrientes e aos caos vivido no território diariamente, atribuindo claramente aos homens de Artigas o terror em que viviam os habitantes da cidade. Segundo ele, em 1815 o estado de anarquia e confusão presentes na província, acompanhado de roubos e violência, era intenso e resultado direto da cessão da cidade ao “predatório” bando de Artigas que, mesmo não estando presente fisicamente no território, era considerado responsável por ser complacente com a situação.²¹

O comerciante inglês nos dá uma ideia do nível de instrução dos correntinos, comentando que a grande massa das classes mais baixas não podia ler, e uma parte ainda maior não sabia escrever, uma característica bastante comum para as classes subalternas durante esse período.²² O viajante faz ainda considerações acerca da natureza dos correntinos, a quem qualifica como quietos e bem intencionados.²³ Quando analisando os mesmos dentro da ótica artiguista, John Robertson estabelece uma clara divisão entre os apoiadores pertencentes à província e os pertencentes à Banda Oriental. Enquanto estes são duros, resolutos e audaciosos, aqueles tem uma natureza mais dócil, trabalhadora e, desde que não confrontados com circunstâncias extremas, são uma “raça inofensiva e digna de confiança.” Robertson atribui essas características ao fato de Corrientes estar próxima ao Paraguai e contar com um clima quase tropical.²⁴

J. P. Robertson atribui uma quase ingenuidade a esses habitantes. No entanto, seu apoio à Artigas não tinha nada de ingênuo, sendo resultado de uma clara consciência dos benefícios proporcionados pelo programa proposto pelo oriental. De fato, a base social de Artigas era composta especialmente por indivíduos advindos das classes mais baixas dessa sociedade: gaúchos, peões, índios e oficiais que haviam convivido com o ex-blandengue durante sua adolescência e participação nas forças espanholas, e que buscavam uma melhora na sua condição de vida subordinada a vontades alheias. A penetração do exército de Artigas pelo litoral despertou nas camadas populares uma procura pelo estabelecimento de seus direitos.

“Los infelices” durante as guerras do litoral

Desde o início da revolução de maio, a população correntina já vinha se manifestando favorável à causa da autonomia com relação à metrópole. Conforme exposto anteriormente, o Cabildo de Corrientes foi ágil em responder aos anseios da Junta de Maio, enviando reforços e participando ativamente da defesa das fronteiras. A presença de classes subalternas nas forças de liberação rioplatense foi uma constante

²¹ “J. P. R. para o General Miller”, em ROBERTSON, J. P. E W. P. (1843). *Letters on South America, comprising travels on the banks of the Paraná and Rio de la Plata*. London, John Murray, Albemarle Street, T. 1, pp. 22-25.

²² *Ibid.*, p. 97.

²³ *Ibid.*, p. 113.

²⁴ *Ibid.*, pp. 25-26

durante todo o período. No ano de 1812, o então governador Elias Galván, comentando sobre a necessidade de organização de um regimento veterano de infantaria, destaca a vontade dos “naturales” em estarem sempre prontos a apresentarem-se quando necessário, mesmo diante dos “maiores riscos”, para defender “nuestra Sagrada causa”, especialmente porque conheciam como ninguém as vantagens do inimigo - nesse momento as tropas do Paraguai - devido à sua proximidade e convivência. No entanto, Galván diz que, apesar de toda a sua boa vontade, as milícias compostas por estes indivíduos eram indisciplinadas e pouco capazes de manejar armas de fogo, lutando apenas com sabres e lanças.²⁵

A campanha de Buenos Aires para poder mobilizar tropas de naturales foi bastante intensa. Em janeiro de 1812, Celedonio José del Castillo, subdelegado do território de Misiones, escrevendo desde o *pueblo* de Apóstoles, comenta da propaganda sendo levada a cabo na região e que tinha como objetivo demonstrar aos habitantes o apreço e estima com que o governo pretendia tratá-los, além de protegê-los. Como resultado, estes teriam demonstrado entusiasmo, prontificando-se a colaborar com homens e também com frutos da terra para a causa.²⁶ Quando as tropas de Corrientes chegam ao *pueblo* de São Tomé em abril, Castillo comenta da boa vontade dos naturales, desejando que “la divina providencia ha de manifestar su omnipotencia con [ellos], que solos, y a su costa desean acreditar su Patriotismo en este departamento.”²⁷ Além desse anseio por colaboração demonstrado pelos indígenas, Castillo observa um fenômeno revelador a respeito de sua participação. Segundo ele, os portugueses estariam desconfiados dos naturales presentes em suas tropas, recusando-se a entregar-lhes armas, apesar de os mesmos já estarem treinados para o combate. Isso estaria ocorrendo pois os portugueses pressentiam uma forte possibilidade de que se os armassem, os naturales abandonariam suas tropas, passando para o lado das tropas portenhas.²⁸ Esse comportamento indica, além de um entendimento claro das batalhas da época, uma consciência do seu papel dentro das forças do exército, e também um processo de apoio claro em relação às distintas opções políticas sendo oferecidas no período. Muito provavelmente esses naturales estavam sendo submetidos a mecanismos de coerção para permanecerem nas tropas portuguesas e buscavam uma alternativa para sua situação.

Com o tempo, entretanto, esse apoio dos naturales aos ideais de Buenos Aires vai diminuindo, e cada vez é mais difícil conseguir seu reforço de maneira voluntária. Em carta ao Supremo Poder Executivo das Provincias Unidas no ano de 1813, José León Domínguez, então tenente-governador de Corrientes, respondendo a um pedido de mobilização de tropas, reclama da impossibilidade de fazê-lo: “no solo será dificultosísimo la reunión de las 300 plazas sino que desde el instante mismo en que empecé a librar las ordenes transfugaron no solo los que se alistaron sino aun también los demás.”²⁹ Domínguez critica também a pouca vontade dos naturales em lutar longe de

²⁵ “Expediente formado a iniciativa de Elias Galván para la organización de un Regimiento veterano de Infanteria en Corrientes.” Corrientes, 17 de janeiro – 3 de abril de 1812, AA, T. 8, p. 7.

²⁶ *Id.*

²⁷ “Celedonio José del Castillo al Gobierno Superior Provisional de las Provincias Unidas del Río de la Plata.” Concepción, 22 de Abril de 1812, AA, T. 8, p. 62.

²⁸ “Celedonio José del Castillo al Gobierno de Buenos Aires.” Concepción, 20 de fevereiro de 1812, AA, T. 8, p. 56.

²⁹ “José León Domínguez ao Supremo Poder Ejecutivo de las Provincias Unidas del Río de la Plata.” Corrientes, 30 de novembro de 1813, AGPC, Fondo Mantilla, T. 36.

Corrientes. Já em 1814, escrevendo a Juan José Nicolas de la Fuente, comandante de Curuzú Cuatiá, Domínguez já acha quase impossível congregar qualquer apoio: “de habiendo tocado por dos ocasiones llamada para reunir a la compañía de granaderos de esta ciudad apenas se reunieron once, los cuales se han dispersado también ya. (...) me veré sin auxilio de tropa (...) sin mas recurso que las pocas plazas del Piquete, cuyos ánimos veo indiferentes.”³⁰ Percebe-se então uma forte atenuação do entusiasmo em favor da causa portenha, já que os comandantes correntinos ligados à capital passam a enfrentar dificuldades para conseguir novos esforços de maneira voluntária. Entretanto, uma nova alternativa vinha surgindo e que visava mobilizar esses grupos subalternos: a causa artiguista.

Los infelices e Artigas

Desde o início das primeiras movimentações de José Artigas, pode-se verificar um entusiasmo por parte dos naturales em defender seus ideais. Assim que sente que Buenos Aires tem outros interesses em mente que aquele da manutenção de uma unidade americana, privilegiando uma política centralista de controle do território e de acordos com os espanhóis e portugueses, o oriental decide partir em uma empreitada particular, com objetivos distintos e que continham um forte apelo às camadas subalternas, especialmente devido à sua retórica de autonomia e mudança da ordem social. Esse discurso vai atrair grande parte das populações de naturales do litoral, que vêem em Artigas uma oportunidade de câmbios em relação à estrutura colonial.

Em 1813 então é possível ver alguns comandantes aliados de Artigas buscando atrair o apoio desses grupos para que se juntassem às suas tropas, que lutavam contra os avances portugueses na fronteira leste do antigo vice-reinado. Conta o *vecino* Serapio Antonio Méndez de sua interação com as tropas, após o convite feito pelo imediato Mariano Sandobal, que o levou à guarda:

“En seguida mandó dicho Sandobal juntar toda la gente a quienes exhortó diciendo que el Teniente-gobernador Don Bernardo Pérez Planes trataba de alucinarlos con vanas promesas, que sus miras no eran otras, que llevar la gente al Perú, haciéndoles abandonar sus hogares, mujeres, e hijos; y que últimamente serian entregados a los tiranos del gobierno de Buenos Aires y reducidos a la antigua esclavitud por el despotismo con que se manejaba.

En consecuencia de esta patraña convinieron todos en adherir a sus ideas conformes en un todo, pasó con ellos hasta el paso de Belén donde cuyo lugar los mandó ir libremente a sus pueblos con el fin de que, llevando estas noticias, seduciesen a sus demás paisanos de la campaña y pueblos.”³¹

Percebe-se nesse discurso as motivações que essas tropas teriam para abandonar a Pérez Planes e seguir com Sandobal: o claro desinteresse por parte de Buenos Aires, segundo a retórica do agente mobilizador artiguista, em dar-lhes qualquer espécie de

³⁰ “José León Domínguez a Juan José Nicolas de laFuente”, Corrientes, 2 de março de 1814. AA. T. 19, pp. 4-5.

³¹ MÉNDEZ, Serapio Antonio. “Declaración de un vecino deste Pueblo sobre lo acaecido el dia dos de julio a la noche.” Mandisovi, 27 de agosto de 1813, AGPC, Fondo Mantilla, T. 36.

liberdade, mantendo-os como escravos e súditos dos interesses portenhos. E além de aderirem à causa, cada umas dessas pessoas deveria converter-se em propagadora dos ideais opostos à capital, voltando aos seus *pueblos* a fim de convencer seus conterrâneos dos danos possivelmente ocasionados por Buenos Aires e das alternativas propostas por Artigas. Fica claro o processo consciente de escolha levado a cabo por cada um desses indivíduos.

Essa ação mobilizadora seguiria durante o período inicial das movimentações de Artigas. Escrevendo desde Yapeyú a Buenos Aires, Bernardo Pérez Planes, subdelegado no território, relata a presença do cacique guarani Domingo Manduré, aliado de Artigas, que estaria na região fazendo campanha para congregar colaboradores. Pérez Planes comenta de uma carta onde Artigas exortaria os *pueblos* à sua “defensa y libertad”, e menciona que em Salto Chico, na atual Entre Ríos, já se estaria armando uma reunião de apoiadores da sua causa. Mais interessante ainda é seu relato de que os comandados de Elias Galván, correntinos, e duas outras companhias que lá acampavam estariam em conversações de passarem ao comando do Manduré. Pérez Planes explicita a campanha feita por Artigas, inferindo que essas forças estariam passando para o seu lado devido à forte “sedição” semeada pelo oriental quando o governo de Buenos Aires o nomeou Tenente Governador do departamento de Yapeyú. Pérez Planes entende que o próprio governo de Buenos Aires é responsável pelo “sucesso” de Artigas, já que não teria se dado conta de seu potencial de levantamento.³² De fato, em março Pérez Planes volta a escrever para confirmar uma sublevação no Arroyo da China, e que “toda la gente correntina que se ha sublevado (...) del mando de don Elías Galvan se han reunido en el mismo destino del Salto chico”, onde estariam esperando a chegada de duas companhias de Manduré que vinham com combatentes de Artigas. Na carta Pérez Planes recomenda ainda que Elias Galván não saia em campanha por Yapeyú, para não aproximar suas forças das de Artigas e arriscar assim uma sedição em massa, já que as tropas lideradas por seus comandantes estariam esperando o momento de “inquietar la campaña” afim de chegar ao controle dos governos de Corrientes e Entre Ríos.

Apesar de alguns naturales já estarem participando das forças de Manduré, o apoio a Artigas ainda não se havia consolidado na região. O próprio Pérez Planes dizia acreditar que os naturales responsáveis pela sua defesa o amavam e visavam protegê-lo, mas entendia que, assim que as tropas de Artigas chegassem, esses podiam muito bem “variar de concepto,” ilustrando o momento de tensão e indecisão vivido por todos.³³ O cabildo de Yapeyú, formado por índios, tardou em se incorporar às ideias de Artigas, no entanto. Quando recebe comunicação de Manduré narrando a sedição ocorrida em Mandisoví, o cabildo responde com aspereza, acusando ao índio e a Artigas, a quem chama de “mentecapto,” de quererem “tomar armas contra las tropas de la soberania Indiana.” Ou seja, o cabildo não somente estava contra as ações de Artigas, como entendia suas movimentações como um ataque à sua soberania. Essa falta de apoio era justificada amparada especialmente na condenação aos estragos causados pelas tropas de Manduré: “es publico y notorio el incendio de casas, muertes alevosas, robos y otras maldades que han hecho sus gentes en Mandisobi.” Por esses crimes, o guarani é

³² “Bernardo Pérez Planes al Gobierno Supremo de las Provincias Unidas.” Pueblo de Yapeyú, 23 de fevereiro de 1813, , AA. T. 10, pp. 360-362.

³³ “Bernardo Pérez Planes al Gobierno de las Provincias Unidas del Río de la Plata.” Yapeyú, 5 de março de 1813, AA, t. 11, pp. 294-295.

chamado de pirata, contrariando o título de “defensor de la libertad” que pretendia atribuir-se a si mesmo.³⁴

Em abril, entretanto, a veia revolucionária finalmente chega a Yapeyú: no dia 26 do mês Francisco Soares da Costa Leiria, português, escreve a Diego de Souza contando da sublevação dos naturais. Segundo Leiria, os líderes do movimento visavam matar o pároco da cidade e todos os espanhóis que residissem na zona. A seguir, iriam atrás de Bernardo Pérez Planes, que havia fugido quando do início da sublevação, e também planejavam matar o próprio português narrador da carta, já que este estava ali com a função de comprar índios para serem usados em combate nas tropas inimigas. A confusão teria começado, inclusive, por essa razão, já que o tenente-governador (Pérez Planes) estaria ciente da venda de indígenas, tendo até mesmo colaborado para com o negócio. De acordo com Leiria, os índios já haviam inclusive nomeado um rei e planejavam viver à “forma e maneira dos Minuanos,” um dos grupos nativos da zona. O português esclarece ainda que Artigas estaria por trás da desordem, e que não tardaria em vir com suas tropas afim de reunir toda a “Indiada”³⁵

O resultado da sublevação, no entanto, não foi o esperado pelos índios, já que Pérez Planes conseguiu capturar os líderes insurgentes, dois “dragones desertores de la Patria”, que foram “pasados pelas armas.” Antes de serem executados, no entanto, fizeram confissões reveladoras, que indicam uma clara consciência de suas ações e opção pela causa artiguista: quando interrogados dos motivos da sublevação, responderam que não deporiam a ninguém já que não reconheciam nenhuma autoridade além daquela do general Artigas, e que preferiam portanto serem executados.³⁶ Em comunicação de outro português, Francisco das Chagas Santos, vê-se contudo que a sublevação não foi tão frustrada como relata Pérez Planes, já que alguns índios desertores incorporaram-se às tropas de Manduré. Na mesma carta, Santos diz ainda que as tropas que eram de Manuel de Sarratea, que lutava para recuperar as forças orientais, também estavam perdendo contingente, já que “fugira a maior parte destas a incorporar-se com o mesmo Artigas.”³⁷ Outro defensor das causas de Buenos Aires, o diretor Gervasio Antonio de Posadas, também reclama da persuasão de Artigas, desta vez dando voz aos próprios oficiais da tropa: após o oriental renunciar às forças de Buenos Aires e lutar contra as forças do Directorio, capturando parte das forças de Posadas, alguns de seus oficiais teriam escrito a Posadas, em caráter de prisioneiros, reclamando que foram “sacrificados inocentemente por que la causa de Artigas es justa.”³⁸ A campanha artiguista pela divulgação de seus ideais segue pelo menos até 1815, quando seu líder comenta a Andresito da presença de Miguel Antonio Curaete, seu representante, que seria enviado para percorrer os *pueblos*, “juntar todos los naturales (...) todos los que penetrados de la dulce voz de la libertad que

³⁴ “Carta do cabildo de Yapeyú a Domingo Manduré,” sem data, AGPC, Fondo Mantilla, T. 36

³⁵ “Francisco Soares da Costa Leiria a Diego de Souza.” Paso de Yapeyú, 26 de abril de 1813, AA, T. 11, pp. 320-322.

³⁶ “Bernardo Pérez Planes al Supremo Gobierno Ejecutivo de las Provincias Unidas del Rio de la Plata.” Campo de Santa Ana y costa del arroyo de Guirapitá-Mini, 29 de abril de 1813, AA t. 10, pp. 322.

³⁷ “Francisco das Chagas Santos a Diego de Souza.” São Borja, 24 de junho de 1813, AA, T. 11, pp. 340-341.

³⁸ POSADAS, Gervasio Antonio de. “Memorias,” tomo primero, pp. 188-191, citado em DOMINGUEZ, Wenceslao Néstor (1973). *El Artiguismo en Corrientes*. Buenos Aires, La Gráfica, p. 50.

os llama, quieran seguir el pabellón de la patria.”³⁹ O oriental demonstra, então, contínuo interesse em enviar emissários para difundir suas ideias.

Dado o crescente apoio aos planos de Artigas de controlar os territórios da região e fazer frente à política de Buenos Aires, é interessante demonstrar alguns dos motivos que teriam levado os naturales a preferir o oriental, e também os argumentos propostos pelo mesmo e utilizados para convencê-los a apoiá-lo e abandonar as filas tanto portenhas quanto portuguesas, juntando-se aos seus comandantes espalhados pela região do litoral. Inicialmente, o forte contraste com a política adotada por Buenos Aires em relação aos naturales pode ser indicativo da perda de apoio sofrida por suas tropas. Em 1812 podemos ver, por exemplo, Pérez Planes comentando da terrível postura adotada por Elias Galván, que havia abandonado os nativos da região, deixando as fronteiras desamparadas e permitindo que “anden comiendo frutillas del campo después de haber defendidos con honor sus pueblos.”⁴⁰ A venda de índios para servir às tropas portuguesas, como visto na sublevação em Yapeyú e também na sublevação das tropas de Galván no Arroyo de la China em fevereiro de 1813,⁴¹ evidenciando a total falta de consideração para com seus sentimentos em relação aos conflitos da época, também teria sido fator contribuinte à opção feita pelos indígenas.

Podemos constatar também na documentação da época ambições claramente políticas que encontravam amparo na retórica artiguista, como o direito ao voto e à soberania dos *pueblos* indígenas. Artigas tinha noção do poder de atração desse discurso, e o cabildo de Corrientes demonstrava claro entendimento do alcance de sua visão, chegando a declarar em março de 1814, que “los pueblos son susceptibles a las ideas que puede inspirar un genio.”⁴² Quais seriam, então, essas ideias? Quando comentando sobre a situação da Banda Oriental no ano de 1815 com Andresito, Artigas deixa claro que seus objetivos são “dejar a los *pueblos* en el pleno goce de sus derechos, esto es, para que cada pueblo se gobierne por sí, sin que ningún otro, español, o portugués o cualquiera de otra provincia, se atreva a gobernar, pues habían ya experimentado los pueblos los grandes atrasos, miserias y males en los gobiernos del español y portugués.” O discurso de Artigas é um discurso pessoal, que o aproxima das camadas populares, especialmente quando os considera como “semejantes y hermanos” que deveriam ser tratados “con más amor”, proporcionando-lhes “los medios que estén a su alcance para que trabajen y sean felices,”⁴³ o que diferia enormemente da política propagada por Buenos Aires, que seria mesquinha e obrigaria “a cada pueblo a desprenderse de una parte de su confianza en cambio de una obediencia servil”. O que ele propunha seria uma “unión que hace al interés mismo sin perjuicio de los derechos de los pueblos y de su libre y entero ejercicio.”⁴⁴

³⁹ “José Gervasio Artigas ao comandante de Misiones, Andrés Artigas”, 13 de março de 1815, em SALA DE TOURON, Lucia (2000). *José Gervasio Artigas, Obra selecta*. Caracas, Biblioteca Ayacucho. p. 43.

⁴⁰ “Bernardo Pérez Planes a Manuel de Sarratea.” Yapeyú, 30 de setembro de 1812, AA, t. 10, 202-203.

⁴¹ “Sublevación de las tropas de Galván, Sumario al teniente coronel Don Elias Galván,” (1813), Archivo General de la Nación, Sala X, Sumarios Militares, 29-11-5, exp. 389.

⁴² “Cabildo de Corrientes ao General Artigas,” 20 de março de 1814, em GÓMEZ, Hernán F. (1929). *El general Artigas y los hombres de Corrientes*, Corrientes, Imprenta del Estado. pp. 38-39.

⁴³ “José Gervasio Artigas ao comandante de Misiones, Andrés Artigas”, 13 de março de 1815, em SALA DE TOURON, *op. cit.* pp. 42-44.

⁴⁴ José Gervasio Artigas ao comandante de Misiones, Andrés Artigas”, 13 de março de 1815, em *Ibid.*, pp. 42-44.

Em relação ao trato com os naturais de Corrientes, Artigas comenta em comunicação com o seu governador, José de Silva, em maio de 1815, que este deve atender aos povos de Santa Lucía, Itatí e Garzas (majoritariamente indígenas) para tirá-los da má situação em que se achavam devido a políticas predatórias de seu administrador. Artigas comenta especificamente que deseja que os índios, nesses *pueblos*, “se gobiernen por sí, para que cuiden sus intereses como nosotros (...) los nuestros. Así experimentarán la felicidad práctica y saldrán de aquel estado de aniquilamiento a que los sujeta la desgracia (...) [já que] ellos tienen *el principal derecho*.”⁴⁵

É necessário destacar a importância com que Artigas trata os naturais, quando reconhece que estes estavam no território antes mesmo da chegada dos espanhóis e que vinham sendo diminuídos em seus direitos desde esse momento.⁴⁶ O grau de autonomia por ele atribuído aos *pueblos* indígenas também contrasta fortemente com as políticas de até então: quando Artigas ordena, após a deposição de seu aliado José de Silva em 1815 que se convoquem os comandantes, oficiais, e *vecinos* honrados tanto da cidade como da campanha para definir a pessoa em quem se deve depositar o governo de Corrientes, está expandido o conceito de cidadania a todos os *pueblos* da região, conclamando uma convocatória “sin excluir a los naturales” e dando-lhes o direito ao voto e à decisão sobre seu futuro. Em comunicação com Andresito no mesmo período, o oriental “le recomienda el envío de un diputado indio por cada pueblo a Arroyo de la China.”⁴⁷ Além disso, com esse discurso Artigas deixa claro que não somente a capital da província, e sim todos os *pueblos* deveriam participar do processo.⁴⁸ Esse é um dado interessante já que as disputas entre a capital e os *pueblos* do interior eram freqüentes no período.⁴⁹ Alguns *pueblos* vão seguir as recomendações do oriental: os comandantes de Saladas Juan José Nicolas de la Fuente e Antonio Luis Aguilar reclamam fortemente quando o cabildo de Corrientes não obedece às ordens de Artigas, e escrevem ao caudilho comentando da demora em convocar-se o congresso constituinte: “no hemos merecido que ese Gobierno se hubiese dignado, dictarnos el conocimiento de los planes que ha de fijar y analogizar nuestras ideas.”⁵⁰ Mais interessante ainda é o objetivo dessa missiva: “para que sin variación pueda esta Plaza influir en los ánimos, y electrizarlos, a los habitantes al ideado sistema.” Assim, depois de receberem a permissão de Artigas, os líderes de Saladas lêem seu comunicado na Plaza, “a presencia de todo el Pueblo,” e lhes contam dos “sanos sentimientos” de seu Protetor.

Essa cidadania concedida por Artigas vinha também acompanhada do direito à mesma justiça outorgada aos *criollos* e europeus. Quando exortando ao cabildo de Corrientes para que aceitasse a passagem a essa província dos naturais do Chaco, muito

⁴⁵ “José Artigas a José de Silva.” Paraná, 9 de maio de 1815, AA, T. 29, p. 57-58. Destaque da autora.

⁴⁶ “José Artigas al gobernador de Corrientes, José Silva, con instrucciones para el gobierno de los pueblos de Indios y exclusion de los Europeos de los empleos públicos,” 3 de maio de 1815, en SALA DE TOURON, *op. cit.* pp. 51-52.

⁴⁷ “José Gervasio Artigas ao comandante de Misiones, Andrés Artigas”, 13 de março de 1815, en *Ibid.*, p. 44.

⁴⁸ “José Artigas al Cabildo Gobernador de Corrientes sobre política con el indígena,” 28 de outubro de 1815, en SALA DE TOURON, *Ibid.*, pp. 72-73.

⁴⁹ Sobre isso, ver FRADKIN, Raúl O. (2010). “La revolución en los pueblos del litoral rioplatense.” Estudios Ibero-Americanos [en línea], vol. 36. Disponible en Internet: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=134618607006>.

⁵⁰ “Juan José Nicolas de la Fuente e Antonio Luis Aguilar a Juan Bautista Méndez,” Saladas, 19 de abril de 1814, AA, T. 19, pp. 41-43.

temidos na época devido às ações violentas a eles atribuídas, Artigas diz que os representantes do local não devem se preocupar, já que o número de interessados em cruzar o rio Paraná e juntar-se à causa não passaria de 300. Os nativos do Chaco eram considerados não-civilizados pelos padrões da época porque a expansão da fronteira não havia chegado até suas terras ainda, portanto estes não tinham tido contato significativo com os *criollos* e tampouco haviam sido evangelizados, mas Artigas acreditava na sua capacidade de adaptar-se, e também que “con trabajo al fin bendecirían la mano que los conduce al seno de la felicidad, mudando de religión y costumbres.” Mesmo que em pouco número, Artigas demonstra preocupação caso os chaqueños viessem a causar algum distúrbio na região. Entretanto, se responsáveis por qualquer perturbação da ordem, a lei correntina lhes deveria ser aplicada como solução “no con bajeza y sí con un orden posible a que ellos queden remediados, y la provincia, con esos brazos más a robustecer su industria, su labranza y su fomento.” Interessante é que Artigas incumba este dever aos magistrados da região, deixando claro que esses naturales deveriam ser tratados com todos os direitos de justiça dispensados aos demais, independente de sua origem, afim de “cimentar la pública felicidad.”⁵¹

Além de benefícios políticos, Artigas lhes propunha benefícios econômicos, como a já bastante estudada reforma agrária, que incluía a revisão de todos os terrenos disponíveis em cada jurisdição para serem distribuídos especialmente entre os mais “infelices”, que seriam os mais privilegiados.⁵² Esses infelizes seriam os negros livres, os zambos, os índios e os *criollos* pobres que com seu trabalho defendessem os interesses da província, recebendo assim os terrenos retirados dos “malos europeos”, dos emigrados e dos piores americanos.⁵³

É assim que Artigas consegue o apoio de boa parte dessas forças de naturales. Entretanto, sua luta não seria fácil. Sucessivos ataques às fronteiras pelo lado português e a campanha promovida por Buenos Aires contra seus ideais enfraqueceram suas tropas tanto física quanto moralmente. Buenos Aires colocou em risco até mesmo a independência em si ao desviar tropas que estariam lutando contra espanhóis para poder atacar Artigas, como é o caso das forças comandadas por Manuel Belgrano em Arequipa, que, ao ouvir a notícia de seu recuo, teriam se rebelado. Por sua parte, em 1816 os portugueses encetariam um novo ataque à fronteira para complicar a situação de Artigas e seus aliados. Inicialmente o apoio de Corrientes nas tropas era de reserva, instalando suas forças em Curuzu-Cuatíá. Entretanto, com a sucessiva derrota das forças artiguistas nas mãos de Andresito em Misiones, e de Fructuoso Rivera e Fernando Otorgués mais ao sul, duas divisões correntinas foram enviadas como auxílio, sendo aniquiladas.

Um guarani comanda Corrientes

A história de Corrientes dentro da experiência artiguista contém ainda um componente curioso e bastante inovador para os padrões sociais da época: o do guarani

⁵¹ “José Artigas al Cabildo Gobernador de Corrientes sobre política con el indígena,” 28 de outubro de 1815, em SALA DE TOURON, *op. cit.*, p. 74.

⁵² Sobre isso, ver DE LA TORRE, Nelson; RODRÍGUEZ, Julio C.; SALA DE TOURON, Lucía (1969). *La revolución Agraria Artiguista*. Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos.

⁵³ “Reglamento provisorio de la provincia oriental para el fomento de su campaña y seguridad de sus hacendados,” Cuartel General, 10 de setembro de 1815.

Andresito, afilhado de Artigas. Andresito nasceu na fronteira entre os impérios espanhol e português, não se sabe com precisão se nas cidades de Santo Tomé ou São Borja, aproximadamente no final do mês de novembro de 1783.⁵⁴ Tampouco se sabe quando entrou em contacto com Artigas pela primeira vez. Os historiadores Jorge Francisco Machón e Oscar Daniel Cantero sugerem que esse encontro se tenha dado quando da experiência de Artigas no interior da Banda Oriental, mais precisamente próximo à zona de fronteira com o império português. Aí os dois teriam se conhecido e Artigas teria sido responsável pela educação do guarani, o que terminou por destacá-lo em relação aos demais companheiros indígenas da zona.⁵⁵ Apesar das muitas dúvidas com relação à sua origem, certo é que Andrés Guacururí ganhou destaque nas forças de Artigas, sendo profundo conhecedor dos seus ideais, e ocupou por muito tempo o posto de Comandante General de Misiones. É com esse título que Andresito chega a Corrientes para restaurar a ordem rompida por Miguel Escobar e Francisco Vedoya: logo após derrocar Méndez em 1818, Escobar é atacado por Vedoya, que igualmente almejava assumir o controle da província. Escobar foge e se refugia em Curuzú Cuatiá juntamente com Pedro Campbell. Os dois decidem então convocar o apoio do guarani *misionero* para entrar à capital e reinstalar a ordem na cidade. É assim que Andresito chega a Corrientes, em 21 de agosto de 1818, e logo assume o controle da cidade. O guarani vinha com um exército de 900 a 1000 homens, que Mantilla descreveu, baseado nas memórias de Fermín Félix Pampín, como um “conjunto aterrador y repugnante: una indiada poco menos que desnuda, sucia, fea y de aspecto feroz; unos llevaban harapos, otros, raídos chiripaes tan solo, y otros se cubrían con pedazos de cuero.”⁵⁶

Andresito é até hoje parte do imaginário de Corrientes por ser lembrado como “o índio” que atacou a capital e subjugou a elite da cidade. Relatos contemporâneos da ocupação, como o de Pampín, exemplificam o caráter bárbaro, anárquico e desenfreado com o qual a sociedade local interpretou a causa. Esse entendimento surge especialmente do grau de humilhação ao qual Andresito teria submetido as classes mais abastadas. Entretanto, essa humilhação não teria ocorrido com pilhagens e roubos: versões alternativas às de Pampín da ocupação relatam que Andresito chegou à cidade de maneira tranqüila e com o intento de participar da vida local.⁵⁷ Após controlar a situação politicamente, o guarani teria até mesmo organizando peças de teatro apresentadas à sociedade, que, rechaçando um espetáculo composto por indígenas, negou-se a comparecer. Andresito teria então convocado os homens importantes da cidade e ordenado-lhes que limpassem os terrenos da praça durante todo um dia, submetendo-os a trabalho manual, considerado um escândalo para os padrões da época. Andresito teria ordenado ainda o rapto dos filhos da elite local após encontrar vários indiozinhos trabalhando como servos em suas casas. A lição serviria, uma semana depois, logo da liberação dos meninos, para ensinar que as mães índias também tinham sentimentos. Para além do significado moral contido nesses atos, é interessante destacar a revolução nos padrões sociais imposta pelo guarani em tão pouco tempo. De acostumados a vê-los

⁵⁴ MACHÓN, Jorge Francisco; CANTERO, Oscar Daniel (2006). *Andrés Guacururí y Artigas*. Misiones, el autor. p. 29.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 33.

⁵⁶ MANTILLA, *op. cit.*, p. 213.

⁵⁷ “W. P. R. to General Miller,” en ROBERTSON, J. P. E W. P. (1843). *Letters on South America, comprising travels on the banks of the Paraná and Rio de la Plata*, London, John Murray, Albemarle Street, T. III, pp. 163-164.

trabalhando e os servindo, a elite local foi obrigada a aceitar indígenas em situações de poder, além de ter de admitir que os grupos indígenas não somente podiam ser figuras de autoridade, mas parte de sua vida social e cultural, de certa maneira devolvendo-lhes um grau de humanidade perdido desde os tempos da conquista espanhola.

Apesar da violência descrita por Pampín quando de sua entrada em Corrientes, outros relatos dão conta de que, na verdade, além das aulas de humanidade concedidas por Andresito, quase nenhuma perturbação da ordem ocorreu durante o período em que o guarani esteve na cidade. Miss Postlethwaite, uma jovem inglesa que vivia com seu pai e sua irmã em Corrientes durante o período relata que somente um furto ocorreu enquanto as tropas lá estavam acampadas. A jovem relata que eles foram “certamente tratados com marcado respeito e atenção, não somente por Andresito, mas também por seus oficiais e homens durante todo o tempo em que eles ocuparam Corrientes.”⁵⁸ Percebe-se então que a imagem que ganhou vida e foi prolongada por anos dentro da sociedade correntina, da brutalidade encampada por Andresito, estava longe da verdade. A humilhação, entretanto, fez com que esse guarani e suas tropas passassem para a história correntina como um bruto e selvagem, como pode ser observado nas palavras de Pedro Ferré, futuro governador da província: “los correntinos tenían una formal antipatía [hacia los guaranis] que traía su origen de los excesos que cometieron cuando Corrientes estuvo a su discreción.”⁵⁹

Andresito deixou a cidade em março de 1819, após sete meses de ocupação. Durante esse período, percebe-se um enfraquecimento das tropas de Artigas, que começam a sofrer sucessivas derrotas contra os portugueses. Além de derrotas no campo de batalha, Artigas também perde apoio de seus antigos aliados, os caudilhos Francisco Ramírez de Entre Ríos e Estanislao López de Santa Fé, que, após derrotarem o Directorio, fizeram um acordo com o governo de Buenos Aires, traindo ao oriental. O apoio de Corrientes, entretanto, seguiu até o último minuto, com Ramírez observando que Artigas “la lleva adonde el quiere.”⁶⁰ Após derrota na Batalha de las Tunas, Ramírez persegue o caudilho oriental até Corrientes, onde é ajudado pelo cacique guarani Francisco Javier Sití. Sua preocupação se justifica, já que somente o nome de Artigas era suficiente para levantar forças por onde passava. Sua sorte, entretanto, já estava lançada. Sití muda de lado, e Artigas, deixado sozinho, pede exílio no Paraguai, sob promessa de não se envolver na vida política local, onde permanece até seus dias derradeiros. Ramírez incorpora o território de Corrientes ao de Entre Ríos, dando origem à República de Entre Ríos, que duraria pouco menos de um ano, quando também ele seria traído por López e assassinado. Corrientes voltou a ser uma província autônoma em 1821, sendo a primeira a ditar uma constituição no território que viria a constituir a Argentina. Terminava assim o ciclo artiguista na região.

⁵⁸ “W. P. R. to General Miller,” en ROBERTSON, *op. cit.* p. 164.

⁵⁹ FERRÉ, Pedro (1921). *Memoria del Brigadier General Pedro Ferré*, Buenos Aires: Imprenta y casa editora Coni. p. 27.

⁶⁰ REYES ABADIE, J. W.; BRUSCHERA, O.; MELOGNO, T. (1951). *El Ciclo Artiguista. Documentos de historia nacional y americana*, Montevideo, Medina, t. II, p. 593.

Bibliografía

- ARROM, Silvia Marina; ORTOLL, Servando, eds. (1996). *Riots in the Cities: Popular Politics and the Urban Poor in Latin America, 1765-1910*. Wilmington, Del: Scholarly Resources.
- BUCHBINDER, Pablo (2004). *Caudillos de pluma y hombres de acción. Estado y Política en Corrientes en tiempos de la organización nacional*. Buenos Aires, Prometeo.
- BUSHNELL, David. (1983). *Reform and Reaction in the Platine Provinces. 1810-1852*. Gainesville: University of Florida Press.
- CASTRO-KLARÉN, Sara; CHASTEEN, John Charles, eds., (2003). *Beyond Imagined Communities: Reading and Writing the Nation in Nineteenth-Century Latin America*. Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press.
- CHASTEEN, John Charles (1995). *Heroes on Horseback: A Life and Times of the Last Gaucho Caudillos*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- CHIARAMONTE, José Carlos (1991). *Mercaderes del Litoral: Economía y Sociedad en la Provincia de Corrientes, primera mitad del siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica.
- (1997). *Ciudades, provincias, estados: orígenes de la Nación Argentina, 1800-1846*. Buenos Aires: Compañía Editora Espasa Calpe Argentina/Ariel.
- (2004). *Nación y Estado En Iberoamérica: el Lenguaje Político en tiempos de las Independencias*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- “Corrientes vista por John y William Parish Robertson (1812-1814)” (1989), en Cuadernos de Historia. Textos y documentos para la historia de Corrientes. Corrientes, n. 10, Amerindia Ediciones Correntinas.
- DE LA TORRE, Nelson; RODRÍGUEZ, Julio C.; SALA DE TOURON, Lucía (1969). *La revolución Agraria Artiguista*. Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos.
- DI MEGLIO, Gabriel (2007). *¡Viva el bajo Pueblo! La Plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la revolución de Mayo y el rosismo*. Buenos Aires, Prometeo.
- DOMINGUEZ, Wenceslao Néstor (1973). *El Artiguismo en Corrientes*. Buenos Aires, La Gráfica.
- ESSEX VIDAL, Emeric (1999). *Buenos Aires y Montevideo*. Buenos Aires, Emece.
- FERRÉ, Pedro (1921). *Memoria del Brigadier General Pedro Ferré*, Buenos Aires: Imprenta y casa editora Coni.
- FRADKIN, Raúl O. (2010). “La revolución en los pueblos del litoral rioplatense.” *Estudios Ibero-Americanos* [en línea], vol. 36. Disponible en Internet: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=134618607006>.
- , ed., (2008). *¿Y el pueblo dónde está? Contribuciones para una historia popular de la Revolución en el Río de la Plata*. Buenos Aires, Prometeo.

- FREGA, Ana (2007). *Pueblos y soberanía en la Revolución Artiguista*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental.
- _____. coord., (2009). *Historia Regional e independencia del Uruguay. Proceso histórico y revisión crítica de sus relatos*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental.
- _____; ISLAS, Ariadna, coord., *Nuevas miradas el torno al Artiguismo*. Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República.
- GOLDMAN, Noemi, org., (2008). *Lenguaje y revolución. Conceptos políticos clave en el Rio de la Plata, 1780-1850*. Buenos Aires, Prometeo.
- GÓMEZ, Hernán F. (1929). *El general Artigas y los hombres de Corrientes*, Corrientes, Imprenta del Estado.
- JOSEPH, Gilbert; NUGENT, Daniel, eds., (1994). *Everyday Forms of State Formation: Revolution and the Negotiation in Modern Mexico*. Durham: Duke University Press.
- MILLER, John (1997). *Memorias del general Miller*. Buenos Aires, Emecé.
- MACHÓN, Jorge Francisco; CANTERO, Oscar Daniel (2006). *Andrés Guacurari y Artigas*. Misiones, el autor.
- MAEDER, Ernesto J. A. (1963). "Demografía y potencial humano de Corrientes, el censo provincial de 1814," en *Nordeste, Resistencia*, n. 5, Facultad de Humanidades, Universidad Nacional del Nordeste.
- _____. (1969). "La estructura demografica y ocupacional de Corrientes y Entre Ríos, en 1820," en *Cuadernos de Historia, Corrientes*, Serie 1. N. 4, Archivo General de la Provincia y Registro Oficial.
- MANTILLA, Manuel Florencio (1972). *Cronica historica de la Provincia de Corrientes*. Reedición. Corrientes, Banco de la Provincia de Corrientes, Tomo Primero.
- REYES ABADIE, J. W.; BRUSCHERA, O.; MELOGNO, T. (1951). *El Ciclo Artiguista. Documentos de historia nacional y americana*, Montevideo, Medina, t. II.
- ROBERTSON, J. P. e W. P. (1843). *Letters on South America, comprising travels on the banks of the Paraná and Rio de la Plata*. London, John Murray, Albemarle Street. 3 v.
- SALA DE TOURON, Lucia (2000). *José Gervasio Artigas, Obra selecta*. Caracas, Biblioteca Ayacucho.
- SCHMIT, Roberto (2004). *Ruina y resurrección en tiempos de guerra. Sociedad, Economía y Poder en el Oriente Entrerriano posrevolucionario, 1810-1852*. Buenos Aires, Prometeo.
- WHIGHAM, Thomas (1991). *The politics of River Trade: Tradition and development in the Upper Plata, 1780-1870*. Albuquerque: University of New Mexico Press.